

Fenomenologia da religião de Michel Henry: um estudo a partir da fenomenologia do nascimento

Silvestre Grzibowski •

Resumo

O objetivo deste estudo é apresentar a fenomenologia da religião a partir do nascimento de Michel Henry. Inicialmente será abordado o nascimento do ego da Vida. No entanto, o ego ou os egos preocupados e ocupados com as coisas externas poderão propositalmente esquecer-se da sua essência. Diante disso, surgem algumas questões: Como o ser humano (ego) poderá retornar para o Si primordial se está envolvido com as coisas do mundo? Existem possibilidades para regressar à Vida originária? Para responder essas e demais questões, ou seja, para o ser humano retornar para o Si transcendental precisará do segundo nascimento que foi desenvolvido pelo cristianismo, porém é evidenciado na teoria da ética cristã como sendo à filosofia primeira. Esse estudo sustentará a seguinte tese: a fenomenologia da religião deve ser fundamentada pela ética, pois é ela que possibilita o retorno do ego ao Si primordial e o mantém junto à sua essência e a dos demais.

Palavras-chave

Michel Henry; fenomenologia; nascimento; religião; ética.

Résumé

Le but de cette étude est de présenter la phénoménologie de la religion depuis la naissance de Michel Henry. Au départ sera abordé la naissance de l'ego de la Vie. Cependant, l'ego ou les egos concernés et occupés par des choses extérieures peuvent délibérément oublier leur essence. Compte tenu de cela, certaines questions se posent: comment l'être

• Doutor em filosofia e professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: silboki@yahoo.com.br.

humain (ego) peut-il retourner au Soi primordial s'il est impliqué dans les choses du monde? Y a-t-il des possibilités de revenir à la Vie originale? Pour répondre à ces questions et à d'autres, c'est-à-dire que l'être humain de revenir au Soi transcendantal aura besoin de la deuxième naissance qui a été développée par le christianisme, mais il est démontré dans la théorie de l'éthique chrétienne comme étant à la philosophie d'abord. Cette étude soutiendra la thèse suivante: la phénoménologie de la religion doit être basée sur l'éthique, parce que c'est elle qui permet le retour de l'ego au Soi primordial et le garde proche de son essence et de celle des autres.

Mots-clés

Michel Henry; phénoménologie; naissance; religion; éthique.

Introdução

A teoria fenomenológica de Michel Henry apresenta diversas proposições. Uma delas é sobre o começo absoluto que aparece praticamente em toda a sua obra e exige um cuidado para ser compreendido dentro do conjunto. Isso porque, a fenomenologia de Henry tem como uma das finalidades fazer uma revisão teórica do pensamento ocidental e também dar um novo começo, ou um começo absoluto para o pensamento. Por isso, ele desenvolve o tema do nascimento para evidenciar a procedência do ser do ego. Outra tese é sobre o segundo nascimento, quando coloca no centro da sua reflexão a ética cristã que por sua vez torna-se fundamental para compreender o cristianismo.

Metodologicamente, esse estudo seguirá alguns textos de Henry para melhor abranger os seus argumentos. Seleciono de maneira especial o texto "*phénoménologie de la naissance*", alguns capítulos da obra "*c'est moi la vérité*", bem como a grande obra "*l'essence de la manifestation*". Seguramente outros textos estarão presentes, no entanto, de modo mais distante. Tal escolha se justifica para evidenciar a fenomenologia da religião a partir do primeiro e segundo nascimento, isso porque, existem outras possibilidades de desenvolver essa temática em Henry¹. O pensador insistirá na fenomenologia do

¹ Justifico a pesquisa a partir destas obras, isso porque, os temas como Deus, Filho de Deus, cristianismo, religião e ética aparecem em diversas obras e textos, principalmente, na última fase do autor. Com isso

nascimento para fazer um questionamento teórico sobre o fundamento do pensamento, mas também, para apresentar a religião como uma fenomenologia prática, ou seja, coloca a ética no centro de sua teoria, caso contrário a religião corre o perigo de esvaziar-se e assim trazer muitos problemas de interpretação e conseqüentemente de seguimento do cristianismo. Esses pontos serão questionados e desenvolvidos.

Reforçando o que já havia sido dito, a teoria do pensador objetiva oferecer um fundamento absoluto para o pensamento filosófico/fenomenológico. Por isso, está sempre revisando e recuperando os conceitos. Percebe que quando a filosofia fala do ego, sobretudo, quando a filosofia moderna faz referência ao sujeito, parte do transcendental, da representação, e assim elabora uma subjetividade racional. Sendo assim, essa torna-se muito distante da imanência, da vida concreta. É pertinente dizer ainda que essa proposição fenomenológica é importante para a filosofia, mas também para outras ciências como psicologia, a teologia, a religião, ou as religiões e também para técnica.

Por fim, destaco a pesquisa sobre a religião que deverá partir da fenomenologia do nascimento dos viventes. Essa é uma possibilidade que percebo e que pretendo explorar. É interessante observar que dentro do conjunto da obra o pensador fala do nascimento já na última fase. Aqui, especificamente, critica o pensamento de Husserl porque não conseguiu falar do fenômeno originário e como o método impossibilitou a procedência do ego absoluto. Também critica, sobretudo, a Heidegger que reduz o argumento do nascimento da vida ao aparecer do ser a partir do *Dasein*, de modo que, nascer significa vir a ser no e pelo *Dasein*, vir ao mundo. Assim, a meu ver a *Phénoménologie de la naissance* torna-se um texto central² para desconstruir os argumentos que apresentam o nascimento do fenômeno e do ser a partir do mundo. Desse modo, Henry desenvolve argumentos essenciais sobre o nascimento absoluto do ego a partir da Vida e assim estabelece uma clara e concisa diferença do nascer como vir ao mundo tanto pela via fenomenológica como ontológica. Neste ponto especificamente, explora a origem

quero dizer que, existem outros estudos sobre este tema e existem outras possibilidades de estudar a fenomenologia da religião de Henry.

² Claro que outros textos serão utilizados, sobretudo, aqueles que desenvolvem esse tema. No meu modo de ver, esse texto expressa muito bem o conjunto do seu pensamento, porém, insiste naquilo que é caro para ele, dar uma fundamentação para a fenomenologia e conseqüentemente para a filosofia e outras áreas do saber.

absoluta do nascimento do ego que não nasce nem da consciência intencional, nem do *Dasein*, nem do nada, mas da Vida.

Outro problema que se conjuga é a enorme dificuldade que temos de compreender muitos conceitos ‘religiosos’ que são apresentados pela filosofia ocidental, sobretudo, quando segue o método transcendental. Esse método parte do mundo que é pura exterioridade, o fora de si. Diante disso, Henry também utiliza o argumento do nascimento para edificar seu próprio método fenomenológico, ou seja, a tese da Fenomenologia da Vida que foi construída no sentido absoluto, mas numa perspectiva de retorno. A pretensão do autor não era apenas fazer uma descrição do eu, do ego, do sujeito, da subjetividade, das tonalidades afetivas, da intersubjetividade, da religião, da ética, mas dar uma fundamentação teórica para elas. Esses conceitos remetem diretamente ao nascimento, ou seja, a origem, ao aparecer originário, a manifestação da essência, a vida que se revela no invisível nas tonalidades afetivas do sofrimento e da alegria, na carne patética. Esses contrapõem as teorias clássicas do pensamento ocidental que procurou incansavelmente decifrar todos os mistérios invisíveis da nossa existência, de modo especial sobre o nosso nascimento, ou melhor, sobre a nossa origem.

Críticas ao fenômeno do nascer

Antes de tudo, é importante dizer que a fenomenologia de Henry mostra resumidamente como o aparecimento do ego fora constituído pela fenomenologia de Husserl e pela ontologia de Heidegger e como essas metodologicamente o interpretaram³. Para contrapor, o autor apresenta a teoria do nascimento da Vida e quão essa deve amparar o conhecimento filosófico, científico e o religioso.

Tendo por finalidade discorrer sobre o nascimento, é imprescindível seguir a pergunta elaborada por Henry: “o que quer dizer nascer?”⁴ E, buscar as respostas que foram dadas nessa investigação, digo no texto *Phénoménologie de la naissance*. A princípio, parece ser uma indagação fulgente, porém, essa obviedade resultaria em dar respostas simples e evidentes: nascer significa vir ao mundo, ou todos nós nascemos e viemos ao

³ Claro que tanto Husserl como Heidegger são autores importantes e complexos. Nesse estudo, seguirei ainda que resumidamente os apontamentos a partir de Henry.

⁴ Michel Henry. De la phénoménologie. *Phénoménologie de la Vie I*. Paris: Éphiméthée (PUF), 2003, p.123. O texto *phénoménologie de la naissance* está dentro dessa obra e será assim citado nesta pesquisa: Michel Henry, *Phénoménologie de la Vie I*. Paris: Éphiméthée (PUF).

mundo. Porém, nesta trivialidade, encontram-se muitas complexidades, isso porque, sobre esse tema existem distintas concepções e que se diferenciam entre elas. Segundo Henry, seria correto afirmar que nascer é vir a ser, mas não seria plausível sustentar que isso significa vir ao mundo. Aqui, existe um grande dilema pois a filosofia de Henry procurava insistentemente responder essa problemática já nos primeiros parágrafos da *L'essence de la manifestation*⁵. Por que o nascimento não pode significar vir ao mundo? Não é essa a linguagem que a filosofia, a teologia e a religião utilizam para falar sobre nosso nascimento?

Com isso, percebe-se a importância da tarefa desconstrução da teoria de Husserl do aparecer do fenômeno e também sobre a origem do ego na consciência. Já para Heidegger o nascer acontece a partir do *Dasein*. Henry questiona os argumentos porque ambos esqueceram o aparecer primordial, isso significa que a fenomenologia histórica não problematizou esse tema como deveria, ou mais precisamente não penetrou na essência da vida. De modo que, o tema do nascimento foi afetado diretamente pelo esquecimento e a fenomenologia material surge com a finalidade de decifrar esse estado confuso, obscuro, e ainda mostrar que há um aparecer originário. Com isso, constata-se que existem leituras de diferentes modos sobre a teoria do nascimento. Então, na primeira tentativa de responder a respeito ‘o que é nascer’, deverão ser separados os dois modos de nascimento, mas não os de Henry, mas entre Henry dos demais pensadores, especificamente, de Husserl e Heidegger. Para “reconhecer e dissociar o aparecer no qual consiste o vir a ser do nascimento do vivente, daquele aos quais todos os entes do mundo e desse mundo ele mesmo devem ser – de tal modo que o ser do vir a ser do nascimento e daquele do mundo não tem nada em comum”⁶. De imediato, parece ser uma diferença sutil, no entanto, a exegese nos permite observar e assim separar as duas teorias que narram sobre o nascimento, digo da fenomenologia da vida que mostra o aparecer do fenômeno originário, da fenomenologia ontológica conduzida pela tradição ao que Henry chama de fenomenologia histórica.

⁵ Michel Henry, *L'essence de la manifestation*. Paris: Épipiméthée (PUF), p. 1-58. Nos primeiros sete parágrafos Henry propõe e tese, apresenta os argumentos e aponta as críticas aos pensadores sobre o começo absoluto do ser do ego.

⁶ Michel Henry, *Phénoménologie de la Vie I*. Paris: Épipiméthée (PUF), p. 124.

É necessário evidenciar que o argumento sustentado pela fenomenologia histórica faz referência ao aparecer do mundo, ou seja, “um aparecer cuja fenomenalidade consiste no “*au-dehors*” fora”⁷. Sendo assim, é preciso ter cuidado quando a ontologia que é descrita pela fenomenologia afirma que nascer denota o mesmo vir a ser, pois isso poderá significar como “vir ao mundo”⁸. E vir ao mundo não pode exprimir o nascimento porque outros entes também vêm ao mundo. Torna-se fundamental fenomenologicamente compreender e distinguir o aparecer do aparecimento.

Estamos falando de nascimento interpretado como vinda à ser, o que só pode significar uma vinda a aparecer, que é interpretado como vinda ao mundo, que, no entanto, designa duas condições completamente diferentes das quais apenas uma se refere ao nascimento e pode servir para defini-lo, enquanto o intra-mundo se limita a entrar e sair desse lugar finito de luz que é o mundo, é por si só estranho ao fenômeno do nascimento, bem como ao do nascimento e da morte⁹.

A teoria que definiu o nascimento como vir ao mundo não percebeu o significado do nascimento originário, ou seja, ocultou o vir a ser da essência, do fenômeno originário. Logicamente, Henry sabiamente percebeu esta nebulosidade existente na tradição e que foi produzida pelo método utilizado, ou seja, a vida e as coisas aparecem quando são reduzidas e intencionadas pela consciência¹⁰. A questão que Henry detecta é que tanto Husserl como Heidegger não conseguiram pensar além do pensado, isso quer dizer que não tiveram o êxito de penetrar no âmago e assim permaneceram na pura descrição fenomenológica.

Tenho presente a extensão dos estudos, das interpretações e das críticas tanto a Husserl como a Heidegger¹¹. Henry critica Husserl sobre a questão do aparecer, o apresenta no ‘como’ ele aparece na consciência. De imediato entra outro ponto que é a origem do ego, especificamente, sobre a sua constituição na consciência intencional. Para Husserl o ego provém dele mesmo, ele é a fonte e o poder. “Ele é o ponto de partida, o

⁷ Michel Henry, *Phénoménologie de la Vie I*. Paris: Éphiméthée (PUF), p. 125.

⁸ *Ibidem*, p. 125.

⁹ *Ibidem*, 127.

¹⁰ Na verdade, esse é o ponto intrigava muito a fenomenologia de Henry. Com a tese de buscar um fundamento absoluto para a filosofia recorre à filosofia cartesiana. Poderia mencionar diversos escritos, mas o leitor também poderá conferir os três capítulos da seguinte obra: Michel Henry, *Genealogia da Psicanálise: o começo perdido*. Curitiba: UFPR.

¹¹ Um estudioso de Henry sabe que estes dois pensadores perpassam praticamente em todas as obras. Isso mostra a relevância que dava, mas também os critica duramente.

centro a partir do qual começa e atua, à partir do qual ele reina e exerce sua função”¹². Henry detecta isso ao ler as *Meditações Cartesianas* de Husserl, sobretudo no parágrafo 44, e, também nas *Ideas II* do mesmo autor, parágrafo 25, onde profere nas palavras de Henry: “uma constelação destas metáforas que mostram o ego como este ponto de partida, ponto-fonte, esse *terminus a quo* à partir do qual tudo começa e tudo é possível”¹³. Esse é o ponto percebido por Henry em Husserl, que na verdade vinha sendo sustentando desde a filosofia de Descartes quando tinha proposto o *ego cogito*. Husserl segue essa concepção que acompanha toda a constituição da filosofia. Outro grande problema é que o “ego é ligado a consciência (nesta ligação reside em uma extrema confusão), ela mesma é interpretada como intencionalidade, e que este ponto de partida, esse ponto-fonte, este reinado, são o centro da intencionalidade”¹⁴. Ou seja, a crítica que Henry faz a Husserl é o ego sendo como ponto-fonte que se lê a partir da intencionalidade. O ego fonte, ou o ego como fonte é construído pela intencionalidade que resulta de um processo extático, que é e provém da representação e assim resulta ou concretiza-se como uma representação¹⁵. Do ego, ou mais precisamente, deste ego nasce o sujeito que domina praticamente toda a filosofia ocidental e outras ciências, como por exemplo a psicologia. “O ego se tornou sujeito, o sujeito da representação, o eu me representa antes do qual, para o qual e pelo qual tudo está disposto, como que disposto diante dele, por ele e na frente dele”¹⁶. O sujeito é definido a partir do ego que não sai desta estrutura da representação. Assim, foi lido e interpretado, sendo um ego que está delimitado por esta estrutura rígida e seguida fielmente pela tradição. E ainda, encontra-se na sua totalidade preso a esse quadro que o delimita e para complicar ele só deve ser pensado a partir desta constituição, que na verdade o impede de ser o que é, pois, não permite outra possibilidade de constituição. Se o pensamento fala de liberdade do ego, mas ele será somente livre a partir desse patamar. Com isso, justifico novamente a partir de Henry, a necessidade urgente de propor uma fenomenologia do nascimento do ego, pois, apresenta uma novidade para o pensamento que deverá proceder de um outro

¹² Michel Henry, *Phénoménologie de la Vie I*. Paris: Éphiméthée (PUF), p. 136.

¹³ *Ibidem*, p. 136.

¹⁴ *Ibidem*, p. 136.

¹⁵ Crítica que Henry faz a Heidegger sobre esse ponto, cf. Michel Henry, *Genealogia da Psicanálise*. Curitiba: UFPR, p. 113-114. Diga-se de passagem, a fenomenologia de Henry é uma crítica a teoria da representação.

¹⁶ Michel Henry, *Phénoménologie de la Vie I*. Paris: Éphiméthée (PUF), p. 137.

modo, de uma outra origem, diferente desse modelo duro e inflexível. É importante frisar que, diante dessa filosofia é que Henry se perguntava e buscava fornecer respostas. Desde a primeira grande obra essa pergunta o incomodava e muito: “De onde provém o ego, se não for de *au-dehors* de fora?”¹⁷.

Descrito o ponto sobre Husserl, agora sigo o pensamento de Henry que em diversos momentos desenvolve a sua filosofia a partir de Heidegger. Heidegger que queria afastar-se do seu mestre utiliza a analítica existencial como uma fenomenologia da existência humana e encontra o seu ponto no ente privilegiado que o chama de *Dasein*. O ponto de partida para a analítica existencial é fazer uma análise de uma estrutura ontológica unitária que é de estar-no-mundo. E esse é o assunto crucial. Sendo assim, o ente privilegiado (homem) e o mundo são inseparáveis. De modo que, Heidegger não toma a consciência como lugar originário, mas o mundo. O sujeito está situado no mundo. Essa é uma das grandes diferenças entre Husserl e Heidegger e essa torna-se importante para compreender o pensamento de Henry.

No entanto, o ponto que nos interessa no momento é a questão do nascimento. Para Henry, Heidegger interpretou o nascimento como vir ao mundo. Analisou o ser a partir de um ente e o ser ele mesmo ainda permanece vazio e na total obscuridade. Diante disso, Henry pergunta: como o aparecer confere o aparecer ao vivente? Ou mais precisamente, como ele mesmo se vê e vê também a outros objetos como a mesa, a caneta, por exemplo?¹⁸ Aqui, o pensador constata que não há uma diferença ontológica entre o indivíduo e a mesa e dos demais objetos, mas uma diferença ôntica. Embora ele veja a mesa, a mesa não o vê e ele (*Dasein*) só se verá a partir da liberdade dele mesmo. E quem constitui a liberdade e a ordena é o próprio *Dasein*.

Na verdade, essa é a questão que Henry toma para comentar. O mesmo aparecer é utilizado para as coisas do mundo e para ele mesmo. Essa distinção absurda que foi feita para distinguir o sujeito do objeto. Absurda porque ela foi incapaz de fazer essa separação. Por isso, o pensamento permanece sendo uma filosofia da consciência. “O objeto, é o ente ele mesmo e que é percebido no seu aparecer, o qual é o fora de si como tal, de sorte que o objeto é o sendo fora de si, visto e percebido como tal”¹⁹.

¹⁷ Michel Henry, *Phénoménologie de la Vie I*. Paris: Éphiméthée (PUF), p. 137.

¹⁸ *Ibidem*, p. 125.

¹⁹ Michel Henry, *Phénoménologie de la Vie I*. Paris: Éphiméthée (PUF), p. 126.

Sendo assim, será fundamental distinguir entre o nascimento originário como o da vinda à vida, do nascer como vir ao mundo. A tradição ocidental segue a segunda opção e assim interpreta. Segundo Henry, o fenômeno do nascer foi lido a partir do ‘*In-der-welt-sein*’. Sigo o pensamento de Henry. “O fenômeno do nascimento apresenta de outra parte este traço singular, sua conexão com a vida que parece essencial se encontra apagada. Afim de esclarecer este novo paradoxo, é preciso interrogar a relação do ‘*In-der-welt-sein*’ com a vida, tema analisado no parágrafo 10 de *Ser e Tempo*”²⁰. Nesta, Heidegger examina alguns pensamentos de alguns estudiosos que descreveram sobre a vida e constata: “A vida é um modo próprio de ser, mas que, em sua essência, só se torna possível no *Dasein*”²¹. Esse é ponto essencial trabalhado pelo pensador alemão e que Henry de imediato pergunta: “O que quer dizer nascer quando o acesso à vida é uma questão do *Dasein* e somente dele?”²². Em outras palavras quem tem acesso aos entes como pedra, mesa, e ao próprio ente vivente, especificamente, o ser humano é o *Dasein*. Então, surgem alguns problemas: o primeiro é que tudo o que aparece parte desta revelação que é dada pelo e no *Dasein*. Por outro lado, levanta-se uma questão muito pertinente: de onde surge o aparecer do próprio *Dasein*, ou, como pergunta Henry: “Onde reside sua origem fenomenológica?”²³. Tudo bem que o *Dasein* tem acesso a partir daquilo que aparece para ele e assim ele o compreende e o interpreta. Porém, aqui, penso que acontece a desconstrução realizada por Henry que assim interpreta: o *Dasein* ele mesmo não experimenta a vida patética na sua radicalização porque sempre a interpreta a partir do fora de si, do mundo²⁴, isso porque ele está no mundo. E a partir desse ponto, o nosso pensador fará a distinção radical da fenomenologia material da filosofia fenomenológica histórica.

Então, para resumir²⁵, o contraponto e também a crítica que Henry faz é que um vivente, ou mais precisamente um ego não pode ter acesso à vida no *Dasein*, porque ele mesmo não tem acesso à vida, pois, ela vem de fora. Como já havia afirmado, o mesmo

²⁰ *Ibidem*, p. 127.

²¹ Martin Heidegger, *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, p. 94.

²² Michel Henry, *Phénoménologie de la Vie* I. Paris: Éphiméthée (PUF), p. 127.

²³ *Ibidem*, p. 128.

²⁴ *Ibidem*, p. 128.

²⁵ Digo para resumir, porque as análises que Henry faz de Heidegger neste estudo e nas outras obras, sobretudo, na *l'essence de la manifestation* são amplas, complexas e profundas. Sendo assim, torna-se possível aqui por espaço estender-me nas análises e busco discorrer o objetivo do estudo.

não tem acesso porque não a experimenta, não a prova pateticamente. Assim, se rejeita essa teoria de Heidegger porque o *Dasein* tem acesso a partir de fora, do mundo. “Se o *Dasein* não é ele mesmo possível que como *Dasein* vivente, então, a elaboração da questão do nascimento se realiza do seguinte modo. Vir ao mundo pressupõe vir no ser-ao-mundo ele mesmo, quer dizer no *Dasein*”²⁶. Com isso conclui-se que é no *Dasein* e não na vida no sentido de vida experimentada a partir de si mesma, que ele se constitui. E o argumento de Henry será o seguinte: “Se nós não viemos no *Dasein*, mas na vida, a questão do nascimento se encontra totalmente deslocada e abandonada no mundo”²⁷. Diante disso, surge a tarefa da *phénoménologie de la naissance* para sustentar e elucidar o nascimento da vida que tem a sua origem nela mesma.

Fenomenologia do nascimento do aparecer originário

A fenomenologia do nascimento sustenta que a vida se engendra ela mesma e ao engendrar-se, engendra o ego e que se realiza. Esse é o verdadeiro giro fenomenológico que o pensador executa na fenomenologia e o que chamará de inversão fenomenológica²⁸. Também diz que essa virada é uma redução fenomenológica mais radical e que ela é realizada no pensamento e na prática. “O ego provém do seu nascimento transcendental na vida. Isso quer dizer: não existe nenhum chegar (*parvenir*) ao ego senão nesse pelo qual chega ele mesmo nele. Mas o chegar do ego ele mesmo nele, é pela qual a vida absoluta chega originalmente em si”²⁹. São várias coisas: o ego é pura passividade porque não provém dele mesmo, mas da vida. A vinda a si significa que ego por si mesmo não faz força, não se esforça para adquirir o seu ser, mas é pura doação. Em outras palavras, não toma iniciativas. Sendo passividade, chega a si na vida que é dada pela Vida e recebida por uma Ipseidade sensível e frágil. No entanto, essa vulnerabilidade o torna um si grandioso, absoluto porque tomado pelas tonalidades afetivas de sofrimento e de alegria revelam a sua essência. Cada ego é pura singularidade, uma subjetividade porque tem um conteúdo pleno e tudo o que se realiza nele é verdadeiro. E ainda é importante destacar que esse sujeito não se coloca, ou mais precisamente, não

²⁶ Michel Henry, *Phénoménologie de la Vie I*. Paris: Éphiméthée (PUF), p. 131.

²⁷ *Ibidem*, p. 131,

²⁸ *Ibidem*, p. 39-57.

²⁹ *Ibidem*, (PUF), p. 123.

se nomeia no nominativo, mas no acusativo, é acusado pela vida de vivê-la plenamente, e também tem responsabilidades para seguir aquilo que lhe foi oferecido gratuitamente, a vida. O ser do ego se efetiva na vivência e não na consciência, por isso, o conteúdo revelado pela essência é poderoso e insubstituível.

Mas como ela (vida) executa esse processo, como descrever essa realização fenomenologicamente? Curiosamente, responde de um modo extraordinário e, além disso, faz uma proposição exuberante do nascimento do ego. “A vida se engendra ela mesma no processo de sua auto-afecção eterna, processo no qual ela vem em si, se choca contra si, se prova a *soi-même*, goza de si, não sendo nada de outro que a eterna felicidade desse puro gozo (gozando) de si. Viver consiste neste puro provar (se provar/se experimentar) (*s'éprouve*), só deste modo é possível, não existe nada em outro lugar”³⁰. Com esta descrição maravilhosa o pensador, deixa bem claro que o pensamento sobre a origem do ego não deverá ser constituído fora de si mesmo, como fora constituído pela intencionalidade ou pela exterioridade, mas na subjetividade da vida do fenômeno originário, do aparecer que antecede a toda a aparência. A vida é essa eterna auto-afecção de si mesmo, por si mesmo. É uma força, potência originária. Na realização desse processo ela revela a sua essência. A auto-afecção não tem nem um começo nem um fim, é um movimento, auto-movimento interno que experimenta a si mesma na vivência, sem interrupção, sem intervalo. O *pathos avec* revela-se como um eterno sofrer/gozar de si mesmo. As duas tonalidades estão e revelam-se juntas.

A essência se revela e se manifesta na afetividade. Sendo assim, como a fenomenologia constitui, ou mais precisamente, a essência da manifestação do fenômeno, é totalmente diferente do fenômeno mesmo e de sua manifestação. Isso porque a fenomenologia de Husserl descreve os fenômenos do ato de aparecer que estão na consciência, portanto, estão fora dela. Já no aparecer puro, revela o fenômeno originário de modo que a manifestação radica, reside na essência da manifestação, sendo assim, o que se manifesta no mundo e o que se manifesta – o fenômeno – são diferentes. Porque na fenomenalização do fenômeno do mundo não se revela a si mesmo nem em si mesmo, mas se revela no ego constituído, isso quer dizer na exterioridade. E por outro lado, o fenômeno originário manifesta a vida.

³⁰ Michel Henry, *Phénoménologie de la Vie I*. Paris: Éphiméthée (PUF), p. 132.

Para Henry o seu modo de manifestação é radicalmente diferente do aparecer dos entes no mundo, porque nela reina a identidade absoluta entre manifestação e o que se manifesta, e porque a manifestação se cumpre em uma absoluta imanência. Essa imanência deve ser entendida a partir da vida originária de cada Ipseidade. Para o pensador a “possibilidade ontológica da manifestação da essência reside na retrorreferência da essência à ela mesma”³¹ e não fora dela. O que a essência revela é exatamente isso que ela sente, ou melhor, vive e experimenta. Essa retrorreferência “que designa, reenvia a si mesma da essência significa mais precisamente que é a si mesma que a essência manifesta e que é somente porque ela se manifesta a si mesma que pode ser isso o que ela é, uma essência ativa, uma essência que se manifesta”³². Então, a essência é o que é, e por ser o que ela é, se revela, manifesta a sua originalidade, ela se aparece a si mesma. Para Henry um dos problemas reside no ato do aparecer, ou precisamente no aparecimento do ato de aparecer. A tese é que o aparecimento (o aparecer) do ato de aparecer não constitui ou não é constituída por uma propriedade externa, de fora, mas ao contrário, o aparecer se dá por si mesmo na afetividade da vida. E o mais importante de tudo é que o aparecer originário permite todo o aparecer porque se revela por si mesmo e, portanto, sem este aparecer nenhum outro seria possível³³, como apontei acima isso é possível pela autoafecção.

Trazendo esta teoria para a fenomenologia do nascimento, mostra-se que a vida não pode ser separada do ego, pois se assim fosse, separado, de um lado estaria à vida e de outro o ego como constituído por um outro ego, estranho a si mesmo. Para Henry, a vida ela é o próprio ego como um todo e único. De modo que a vida não está distante do ego. Isso é possível ser observado na teoria do aparecer. “O aparecer do ato de aparecer, quer dizer, da essência, encontra assim sua condição no fato de que tal ato não aparece simplesmente, mas que deve ser compreendido como o que se aparece a si mesmo. O aparecer do ato de aparecer não constitui, sem embargo, respeito deste, uma mera propriedade contingente e de algum modo sobreposta”³⁴. Essa é uma das grandes contribuições de Henry, pois, apresenta a teoria de que a própria essência ela se manifesta

³¹ Michel Henry, *L'essence de la manifestation*. Paris: Épipiméthée (PUF), p. 289. (Grifo do autor).

³² *Ibidem*, p. 289.

³³ Desse modo Henry aborda a questão da subjetividade. Cf. Michel Henry, *De la subjectivité*. Paris: Épipiméthée (PUF), p. 25.

³⁴ Michel Henry, *L'essence de la manifestation*. Paris: Épipiméthée (PUF), p. 289.

por ela mesma, na vida onde ela se revela a si mesma. Evidencia-se justamente pelo aparecer originário, tema trabalhado demasiadamente pelo pensador. Assim ele diz que o “ato de aparecer apareça é, pelo contrário, o que faz dele o que é: o aparecer mesmo e com tal. Porque o aparecer do ato de aparecer encontra sua condição no aparecer-se a si mesmo deste ato, é nesta relação consigo, é no fato de aparecer-se deste modo a si mesmo, onde reside o que faz em última instância possível este ato considerado em e por si mesmo. *A retroreferência do ato de aparecer a si mesmo é o que determina este ato em sua essência*”³⁵. A essência é a que revela o conteúdo, isso significa que ela não precisa ser primeiramente ser uma intenção de, como descreve Husserl, mas já está aí disposta, e disponibiliza a materialidade. Essa está latente, ininterruptamente. Nesta perspectiva que se lê e compreende-se que a essa essência é a vida que não revela outra coisa de si, mas manifesta-se a si mesma na autoexperiência afetiva de si que se oferece para cada ipseidade. E ao provar-se a si mesmo, experimenta a sua vida e assim nessa proximidade de si a si, sem distância, na auto-afecção contínua, a vida se experimenta a si mesma e manifesta o conteúdo originário e verdadeiro.

A possibilidade do esquecimento da vida

É possível perceber que existem duas leituras e conseqüentemente duas proposições sobre a teoria do nascimento do ego. De um lado temos a apresentação da fenomenologia histórica e por outro lado a proposição de Henry que parte da vida subjetiva³⁶. Isso significa que cada vivente recebe gratuitamente a vida. E a Ipseidade realiza-a plenamente, ou ao menos deveria. Isso porque, na não realização plena encontra-se o problema; a filosofia transcendental propõe que o ego deve se constituir primeiramente como ego, como sujeito e nessa constituição teórica, primeiramente ele constitui-se. Por isso, Henry interpreta esse nascimento do ego uma como exterioridade, porque ele se dá no fora de si, no mundo. Racionalmente, produz-se um ego representado, pois, o primordial foi esquecido. Isso significa que se o ego foi constituído no fora de si, Henry propõe a fenomenologia do nascimento para repensar a origem do ego e questiona a tradição. Aponta para esse grande problema que ela não percebeu a sua origem absoluta. No

³⁵ *Ibidem*, p. 289. (Grifo do autor).

³⁶ Cf. meu estudo sobre este tema. Silvestre Grzibowski. *Fenomenologia do corpo em Michel Henry: uma leitura a partir da imanência subjetiva*. In: *Voluntas – Revista Internacional de Filosofia*, 2019, p. 53-61.

entanto, existe um outro problema; mesmo o ego tendo a sua origem na vida e a tem conforme mostra nos dois tipos de esquecimento. No momento o que nos interessa é o segundo, porque esse representa grande perigo para a vida. “Quanto mais oculta está a Vida no ego, mais aberto, mais disponível o mundo”³⁷. Esse ponto é convincente porque quanto mais o ego se joga livremente no mundo representado, imaginado, deixa-se fascinar, iludir por ele, e assim, distancia-se, pois, se esquece de Si Mesmo. Henry mostra dois modos de esquecimento e duas preocupações e o que nos interessa no momento é a primeira: “*relação do ego consigo na preocupação consigo*”³⁸. Produzida pela teoria transcendental o ego tem a preocupação com mundo, o com o fora de si mesmo. Enquanto estiver preocupado com o mundo estará voltado para as coisas externas.

Nesse sentido, quando o ser humano se esquece de Si Mesmo, esquece-se da sua Vida e da vida dos demais e da comunidade. E as preocupações com o mundo serão estranhas à vida. Seria possível afirmar que são as buscas desenfreadas para acumular bens materiais e riquezas? Penso que sim, pois, parece que atualmente a humanidade está esquecida de si mesma e mantém-se muito preocupada para manter e preservar a economia mesmo que sacrifique vidas³⁹. Então, o esquecimento de Si e a preocupação com as coisas do mundo, ou seja, de buscar bens materiais incansavelmente, a vida originária passa para outro plano, ou mesmo fica de fora do planejado. Aqui, a única finalidade da existência do ser humano está voltada para a aquisição e preservação dos bens materiais. No entanto, a capitalização de bens levará a sua vida e a dos demais à uma verdadeira ruína. Claro que perante o mundo, o indivíduo que gera riquezas, tem ‘a vantagem’ porque vive no luxo e vangloria-se, exibe-se aparentando ser uma pessoa extremamente feliz. Henry mostra que essas preocupações aumentam gradativamente, e quanto mais se penetra nesse universo, aumenta o desejo de permanecer porque elas encantam e seduzem os indivíduos com as suas promessas maravilhosas, e com espetáculos de luzes e cores extraordinários, porém, não passam de verdadeiras armadilhas para a vida. Porém, o autor sugere outra preocupação, uma segunda ao que

³⁷ Michel Henry, *Eu sou a Verdade para uma filosofia do cristianismo*. São Paulo: Realizações, 2015, p. 202-203.

³⁸ *Ibidem*, p. 205. Grifo do autor.

³⁹ Henry em várias obras critica a organização da sociedade, mas, penso que a crítica mais evidente encontra-se na obra *A barbárie*. Cf. Michel Henry, *A barbárie*. São Paulo: Realizações, 2012.

ele chama de “*relação do ego consigo na Vida*”⁴⁰. E aí está o projeto da fenomenologia da religião a partir da Vida ética.

O Segundo nascimento

Até agora, insisti muito no argumento do ego fundado nele, por ele mesmo, isso significa fora de si, no mundo que o levará a ter condutas a partir da exterioridade. No entanto, a teoria de Henry não começa e nem termina no mundo, o ego origina-se na Vida e retorna a ela. No meu modo de ver, fenomenologicamente Henry responde a fenomenologia histórica com a sua proposição sobre o nascimento. Mas, o segundo nascimento é importante para constituir a fenomenologia da religião; essa mostra que o indivíduo estando ‘perdido’, ‘preocupado’ no mundo, será possível nascer novamente, ou como chamará de re-nascimento, renascer para a Vida. Diante disso, surge a questão: o que será então, exatamente, o segundo nascimento?

Henry toma o cristianismo para evidenciar a sua teoria. Isso porque o cristianismo assegura a salvação para todo o ser humano, esse é o ponto crucial. O que significa a salvação? “A salvação consiste para o ego em reencontrar em sua própria vida a Vida absoluta que não cessa de engendrá-la”⁴¹. Reforça a teoria que já vinha desenvolvendo sobre as duas possibilidades de nascimento, da consciência e da vida. Mas, o que nos interessa agora, é mostrar o pensamento do segundo nascimento que tem, sobretudo, a finalidade de ‘trazer’ ou de ‘recuperar’ o ser humano que estava envolvido com as coisas do mundo e se perdeu com e nas coisas.

A ideia central é que todos os seres humanos deveriam experimentar a Vida absoluta. No entanto, os afazeres o afastaram. Henry propõe o segundo nascimento com a desígnio de mostrar que ego tem uma nova possibilidade de retornar para a Vida. Por isso, a crítica a filosofia racional, a filosofia da religião racional, a fenomenologia e a ontologia heideggeriana, bem como as ciências, porque todas essas tentaram provar a existência de Deus, ou mostrar a partir de um ver fenomenológico. Além disso, o surgimento do ego tendo como a fonte na consciência de si. Nessa tentativa houve uma objetivação de Deus (Vida) e do ego onde se tornaram objetos constituídos de reduzido

⁴⁰ Michel Henry, *Eu sou a Verdade para uma filosofia do cristianismo*. São Paulo: Realizações, 2015, p. 204. (Grifo do autor).

⁴¹ *Ibidem*, p. 217.

de modo de pensar. Sendo assim, essas teorias provocaram um distanciamento da Vida. O objetivo de Henry não terá como finalidade provar teoricamente a existência de Deus, mas propor que todos possam “reencontrar em sua vida própria a Vida absoluta, aí está o que só é possível precisamente na própria vida e na Verdade que lhe pertence”⁴². Assim, justificam-se as críticas que fez as teorias científicas, teológicas e filosóficas, porque todas são teorias do mundo. E Deus não pode jamais ser submetido a uma prova teórica, ou reduzido a uma determinada ciência.

Na fenomenologia do primeiro nascimento mostrei que a vida provém da Vida, assim que todo o vivente é Filho da Vida. Sendo assim, a fenomenologia do nascimento evidencia que “o caráter prévio da condição de vivente, significa que essa condição, ela mesma a seu próprio antecedente, ao Antes-absoluto da Vida, da qual o vivente recebe sua qualidade de vivente. O devir suscetível de lhe advir pressupõe no vivente este Antes-absoluto a que este dever, ao fim e a cabo, não faz senão voltar”. E completa o raciocínio definindo e dando o significado do conceito sobre a condição de ser filho do Filho, conceito proposto pelo cristianismo. “É esta proposição radical da Vida absoluta inclusa na vida do vivente e que a torna possível que remete o conceito cristão de Filho”⁴³. Cada vivente é filho do mesmo Si.

E o segundo nascimento será lido a partir nascimento primordial, como um renascimento que está implicado no primeiro. Para evidenciar a teoria Henry utiliza a parábola do filho pródigo descrito no evangelho de São Lucas (15, 11-32). O segundo nascimento é uma vida nova que irá chegar, como diz Henry: “a segunda vida, é a primeira, a Vida mais antiga, a que vivia no princípio e que foi dada em seu nascimento transcendental a todo o vivente: porque, fora dela e sem ela, nenhum vivente e nenhuma vida seriam possíveis”⁴⁴. A segunda vida, ou o segundo nascimento é uma volta a vida primeira, a sua origem. Como já havia anunciado neste estudo, que devido às preocupações e ocupações com as coisas do mundo o ego esqueceu intencionalmente dessa condição. Mas existe a esperança porque há probabilidade de voltar para a sua origem, para casa, ou seja, para si mesmo, a sua verdadeira subjetividade.

⁴² Michel Henry, *Eu sou a Verdade para uma filosofia do cristianismo*. São Paulo: Realizações, 2015, p. 218. (Grifo do autor).

⁴³ *Ibidem*, p. 232.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 232.

Por mais que o ego vivia distante de si mesmo, jamais ele perdeu a sua condição de Filho. Segundo o pensador, essa é uma das maravilhas que o cristianismo propõe. O ego vivendo no mundo e a partir das coisas do mundo, a vida tem o desejo de se autotransformar. Essa transformação não virá de nenhum saber teórico, intelectual, mas somente a partir dela mesma. Aqui encontra-se plenamente a tese que estou a defender; não é a religião que fará essa conexão entre os dois nascimentos, mas a fenomenologia da vida que tem o seu conteúdo da ética cristã. “*A autotransformação da vida querida por ela, que consiste num fazer e que a reconduz à sua essência verdadeira, é a ética cristã*”⁴⁵. A ética está no centro da fenomenologia da Vida e, portanto, é o ponto essencial da filosofia da religião de Henry. Posso dizer que a ética aqui é a própria justiça no sentido de cumprir, realizar plenamente a vida na sua essência. Por isso, descarta-se a possibilidade de existir sem a ética, ela é o motor que move e faz o discernimento.

Henry diz com todas as letras que a ética une as duas vias, ou seja, a do ego e a de Deus. “*Fazer a vontade do Pai designa o modo de vida em que a vida do Si se cumpre de tal modo, que o que se cumpre nela doravante é a Vida absoluta segundo a sua essência e seu próprio requisito*”⁴⁶. O segundo nascimento é a entrada na Vida nova. O indivíduo transforma-se totalmente, a vida o impulsiona para um agir misericordioso para com os outros viventes. “*Como o agir da ética cristã substitui o vivente na Vida absoluta que era antes dele e, dando-o a ele mesmo, lhe deu a vida em sua condição de filho, como permite reencontrar esta condição, é o que é necessário precisar*”⁴⁷.

Conclusão

Para concluir posso dizer que o cristianismo é essencial para compreendermos a fenomenologia da religião de Michel Henry, mas, entenda-se o cristianismo como ética, porque sem a ética a religião se esvazia. A ética faz com que o indivíduo se doe para o outro e viva nessa comunidade patética não se preocupando consigo mesmo, mas, com a Vida.

⁴⁵ Michel Henry, *Eu sou a Verdade para uma filosofia do cristianismo*. São Paulo: Realizações, 2015, p. 234. (Grifo do autor).

⁴⁶ *Ibidem*, p. 235. (Grifo do autor).

⁴⁷ *Ibidem*, p. 236.

Isso porque, somos filhas e filhos da mesma Vida. Os viventes nascem e vivem na comunidade patética e se responsabilizam no cuidado da vida sua e dos outros. O ‘si’ ou os ‘sis’ são reais porque se auto-afectam na comunidade. Por isso a religião (cristianismo) proposta pela fenomenologia da vida não está apegada aos dogmas, crenças externas, ou em doutrinas, mas está fundamentada nos vividos. Pode-se dizer que, se somos filhas e filhos da Vida, a vida ético-religiosa é mais radical, significa que ninguém pode ser excluído da vida comunitária.

A tese é que ninguém deverá ter a preocupação com o mundo, ao contrário, recusá-la totalmente, e a preocupação com a Vida é deverá prevalecer. “Isso porque o homem não é inicialmente Preocupação e não tenha de se comportar como tal, resulta diretamente da tese segundo a qual, enquanto Filho, ele tem sua essência na Vida”⁴⁸. O ser humano não é ontologicamente preocupação, mas Vida. O autor se fundamenta na fenomenologia da vida e nos textos bíblicos onde são destacados esses pontos e coloca-os como um verdadeiro ensino a ser seguido. Mostra que a preocupação que os seres humanos têm com o mundo, os leva a uma ruína total. E esse esquecimento e preocupação fazem com que os “sis” se comportem egoisticamente. E como já mostrei, vive-se na ilusão transcendental, distante de si mesmo e muito preocupado. A filosofia da religião de Henry é uma proposta para uma mudança radical para os dias de hoje.

Afirmo que Henry a partir da fenomenologia do nascimento oferece uma teoria sobre a religião clara e convincente e de uma forma inédita, e essa será importante para a filosofia ocidental, mas, de maneira especial para a religião, ou para as religiões. Essas muitas vezes buscam um fundamento no discurso filosófico, que é importante, como o próprio Henry apresenta, no entanto, as vezes esquecem de questionar esse discurso que conduz para outros caminhos. O grande problema talvez, não está no discurso, ou nos legados, mas na assimilação sem um filtro e os trazem para o interior da religião, e assim os seguidores professam uma fé e seguem uma determinada prática religiosa que os distancia de si mesmo, dos outros e da religião primordial. Outros discursos as vezes sustentam uma prática religiosa e há um esquecimento da origem da religião. Isso que a teoria de Henry irá questionar. E se a religião estiver desconectada da fenomenologia da vida corre o perigo de perder a sua essência. Seria oportuno, mas que não é momento

⁴⁸ Michel Henry, *Eu sou a Verdade para uma filosofia do cristianismo*. São Paulo: Realizações, 2015, p. 205-206.

neste estudo de debater sobre como os ídolos, os falsos profetas e os charlatões que penetram nas religiões, e que muitas vezes imperam como verdadeiros ‘salvadores’, contudo, oprimem e conduzem as pessoas a uma grande ruína. Por isso, a nossa tese a partir de Henry, tem como finalidade mostrar como deverá ser uma fenomenologia da religião, e que essa terá como o ponto de discernimento e de seguimento a ética. A ética afasta os ídolos e os falsos profetas da religião. A religião, como nos mostra o cristianismo de Henry, deverá estar amparada, sustentada na e pela ética, sem ela, há grandes perigos de acontecer grandes conflitos e catástrofes, e a humanidade ser contaminada pelos deuses. Infelizmente, parece que o tema dos falsos profetas, ídolos estão muito próximos de nós.

Referências

GRZIBOWSKI, Silvestre. Fenomenologia do corpo em Michel Henry: uma leitura a partir da imanência subjetiva. In: *Voluntas – Revista Internacional de Filosofia*. v. 10, n. 1, 2019, p. 53-61.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Marcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008.

HENRY, Michel. *A barbárie*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Realizações, 2012.

HENRY, Michel. *A encarnação uma filosofia da carne*. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: Realizações, 2014.

HENRY, Michel. *Eu sou a verdade. Por uma filosofia do cristianismo*. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: Realizações, 2015.

HENRY, Michel. *De la phénoménologie Phénoménologie de la vie I*. Paris: Éphiméthée (PUF), 2003.

HENRY, Michel. *De la subjectivité Phénoménologie de la vie II*. Paris: Éphiméthée (PUF), 2003.

HENRY, Michel. *Genealogia da Psicanálise o começo perdido*. Tradução de Rodrigo Vieira Marques. Curitiba: UFPR, 2009.

HENRY, Michel. *L'essence de la manifestation*. Paris: Éphiméthée (PUF), 2011.

HUSSERL, E. *Ideas relativas a una fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica*. Libro segundo: investigaciones fenomenológicas sobre a constituição. Trad. Antônio Ziri3n. 2. ed. M3xico: Fondo de Cultura Econ3mica, 2005.

HUSSERL, Edmund. *Meditaciones Cartesianas*. Traducci3n de Miguel Garc3a-Bar3 e Jos3 Gaos. M3xico: Fondo de Cultura Econ3mica, 2004.